

Noite da Liberdade. Uma pancada no crânio que, se não nos matar, talvez nos acorde

Uma peça sobre os confrontos que ocorreram numa cidade do Sul da Alemanha nas vésperas da ascensão dos nazis ao poder servem à Companhia de Teatro de Almada para traçar um paralelo com as convulsões sociais e políticas que hoje se vivem por toda a Europa

DIOGO VAZ PINTO
diogo.pinto@online.pt

Há uma denúncia constante do drama, sobretudo se não respeita as devidas distâncias, e ao mundo devolve, nu, o reflexo da careta bestial que fez há pouco, ou lhe sublinha os desaforos, proferidos ou escritos, deixando entrever a sombra das suas intenções. Talvez tenhamos sempre relutância em aceitar que o presente possa reclamar, a partir de contornos patéticos, uma condição histórica.

Mas, em qualquer época, contra os pessimistas, há que tomar precauções. Foi assim que, em janeiro de 1933, quando Adolf Hitler chegou ao poder, as obras teatrais de Ödön von Horváth foram proibidas, o seu nome apareceu no índice, considerado um "autor degenerado", não demoraria muito para que os seus livros estivessem entre as pilhas queimadas nas ruas. Mudouse para Viena, na qual se seria a primeira escala numa interminável emigração, passando por Praga, Zurique, Amesterdão e Paris.

Aquele que foi um dos muitos mas um dos maiores "daquela nebulosa de génios que alumiu com sete candelabros de ouro o chamado 'apocalipse jubiloso', o de Viena, entre os finais do século XIX e os inícios do século XX", como escreveu João Bénard da Costa, era 100% ariano, e por isso o seu exílio foi o de um crítico que, como outros intelectuais, supôs inicialmente que o nazismo seria travado a tempo. Morreu com apenas 36 anos, na primavera de 1938, o ano do "Anschluss". A 1 de junho, foi ver a "Branca de Neve e os Sete Anões", em estreia europeia numa sala dos Campos Elísios. Durante a projecção, uma trovoadas foi torcendo os céus, e à saída, quando atravessava a avenida, um grande relâmpago fendeu ao meio um castanheiro e um dos ramos apanhou-o na parte posterior do crânio, dando-lhe uma morte das mais estúpidas.

Horváth estava a contar os dias para se mudar para os EUA, onde tinha um tio a viver, e com a esperança de vir a

escrever guiões para Hollywood, indústria que naqueles anos soube acolher os talentos de tantos outros renegados da Alemanha nazi. Tinha-se reunido com o realizador Robert Siodmak, que planeava adaptar ao cinema o seu romance "Juventude sem Deus", um retrato terrífico do juventude hitleriana.

Antes de viajar para França, conta o jornalista Eduardo Berti no "La Nación" que, na passagem por Amesterdão, uma espécie de pitonisa lhe tinha dito que a estada em Paris haveria de se lhe revelar decisiva. Sendo supersticioso, Horváth terá sonhado que uma árvore de uma altura imensa se abateria sobre ele no meio de um bosque. Meses antes, enquanto escrevia "Juventude sem Deus", deu a uma das personagens uma morte parecida à sua, na sequência de uma pancada no crânio.

Outro pormenor do dia da sua morte, ofereceu-nos Tiago Bartolomeu Costa a propósito de "Em direcção aos céus", peça deste autor que a Companhia de Teatro de Almada estreou no nosso país em 2013. No bolso, o cadáver estendido nos Campos Elísios, tinha um bilhete onde podiam ler-se a esperança de uns últi-

Escrita antes de Hitler chegar ao poder, esta peça reflete sobre a tendência auto-destrutiva da democracia

A ação desenrola-se em 1931, mas a encenação desdobrou os seus ecos repercutindo na Europa dos nossos dias

mos versos: "E as pessoas vão dizer/ Que, num longínquo amanhecer/ Saberemos distinguir/ A mentira e a verdade// Que a mentira desaparecerá/ Quando estiver no poder/ Que a verdade surgirá/ Quando parecia morrer."

Amanhã, a CTA estreia em Portugal outra peça deste autor que, aos 24 anos e depois de ter estudado em Munique, se instalou em Berlim, e ali escreveu e viu serem levadas à cena as suas primeiras peças de teatro. Além de algumas peças radiofónicas, e de textos dispersos por várias revistas, num período de década e meia escreveu 18 peças, tornando-se um dos grandes cronistas do fracasso da classe média alemã em reconhecer o perigo da ascensão do nazismo.

Pensa-se que, ao ver as suas peças proibidas, Horváth assumiu os seus textos como fim em si mesmos, e daí ter escrito os romances "Juventude sem Deus" e "Um filho do nosso tempo", de forma arrebatada, em apenas sete ou oito meses, livros urgentes e angustiados, nos quais ressaltava, segundo Berti, um "laconismo implacável, anunciando um mundo, então iminente, no qual a expressão dos homens 'se tornará tão rígida como o rosto de um peixe'". Um dos personagens alerta que a guerra que se avizinha será "mais intensa, mais violenta, mais brutal" que todas as anteriores. Horváth pressentiu, assim, que o homem estava prestes a atravessar uma tenebrosa fronteira que iria pôr em crise a própria noção de humanidade.

Na sala principal do Teatro Municipal Joaquim Benite, Rodrigo Francisco volta a assinar a encenação, num espectáculo que em vários momentos cruza o plano temporal, e da realidade dos anos 30 numa pequena cidade no Sul da Alemanha, desdobra a consciência através de ecos que soam como gritos dos dias de hoje, tendo esta peça sido escolhida para recolocar um mesmo desafio sobre que resposta devem as democracias europeias dar à emergência dos movimentos de extrema direita, alguns dos quais assumidamente neo-nazis.



te Italiana. Se há uma série de piscadelas de olho do quotidiano dos anos 30 ao dos dias de hoje, essa é uma opção notória, de tal modo que há uma série de elementos nesta peça que buscam uma vertigem contemporânea. Há detalhes no vestuário, provocações discretas e outras bruscas, atordoantes, como a escolha de ter os fascistas em trajas académicos.

"Horvath tem essa amplitude crítica, e a coragem de denunciar o mal dos dois lados da barricada", diz encenador

Dramaturgo mantém-se equidistante tanto face aos revolucionários como face aos burgueses e aos próprios fascistas

Esta é uma encenação que corre alguns riscos, desde logo pela crueza e até grosseria como o palco e os personagens, sem buscar um efeito de naturalismo, estão na rua. Há um constante efeito de descumprimento, como se em vez de um espectáculo nos fosse dado a ver que está mais próximo da típica arruaça, uma sucessão de actos meio desfocados, onde o que mais se sente é a barulheira e o tumulto. Da boca das personagens, mais do que falas, saem urros, e não há nem nos gestos o menor verniz. É a reprodução na escala tacanha de uma cidadezinha dos abalços que alhures se adivinham, menos do lado da comédia e mais do lado da tragédia.

Tudo decorre de forma algo espalhafatosa, os actores encarnam personagens a que só pontualmente emprestam mais substância do que o grau caricatural, servindo-os como os limitados tipos que se repetem de forma universal ocupando os lugares de peões num dado momento social. Ressalta assim uma espécie de aturdimento, nesta visão dos acontecimentos e dos seus protagonistas em que parece triunfar uma certa intercambiabilidade dos papéis. Indo às suas últimas consequências, abre-se uma perspectiva desoladora que torna evidente como Horváth se mantém equidistante tanto face aos revolucionários como aos burgueses, aos buro-

cratas ou aos fascistas. Uns limitam-se a oferecer uma odiosa contracenana face aos restantes, e assim o carrasco pode esconder-se na pele de qualquer um. Aqueles que são os heróis de ontem, facilmente podem revelar-se os vilões de hoje ou amanhã. E é aqui que a palavra vilão se permite abarcar ao mesmo tempo esses dois sentidos, como alguém abjecto e vil, ou como o habitante de uma pequena localidade, a quem cabe desempenhar um papel-tipo, despojado da sua interioridade, com o extremar das circunstâncias, fatalmente, acabará por ser instrumental a um plano grotesco, tão patético quanto criminoso, tão digno de ser ridicularizado quanto temido.

O poeta colombiano Juan Manuel Roca tem uns versos que poderia ter trocado com Horváth, pelo muito que dizem respeito à qualidade terrível da sua representação da humanidade. Surgem no poema "Cação do que fabrica espelhos", e vão nisto: "Fabrico espelhos/ Ao horror acrescento mais horror/ Mais beleza à beleza. (...) Quando o espelho entrar noutra casa/ Apagará os rostos conhecidos/ Porque os espelhos não contam o seu passado/ Não denunciam antigos moradores/ Alguns constroem prisões/ Grades para jaulas/ Eu fabrico espelhos/ Ao horror acrescento mais horror/ Mais beleza à beleza."

Peça baseia-se nos confrontos ocorridos em 1930 na cidade de Murnau, na Baviera, que opuseram os defensores da República alemã aos nacional-socialistas

REUTERS/LOSMATEURS

Teatro
Noite da Liberdade
De Ödön von Horváth, com encenação de Rodrigo Francisco
Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada.
De 2 a 11 de dezembro e de 11 a 29 de janeiro, de quarta a sábado, às 21h e domingos, às 16h
Bilhetes: entre 6,5 e 13€